

GT09: Antropologia das Emoções

Maria Claudia Coelho, Raphael Bispo

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidades. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer; h) emoções, sofrimentos e adoecimentos;

Afetações da intimidade: dimensões emocionais na caracterização do consentimento e da violência sexual entre casais.

Autoria: Iaci Jara

O "estupro marital" é um tema cuja visibilidade social vem crescendo nos últimos anos. As tentativas de nomeação e caracterização desse ato têm mobilizado noções complexas e polissêmicas, algumas delas são: indivíduo, família, direitos, deveres, espaço público e privado, desejo e crime. Todas essas noções, emaranhadas por laços de afeto, comensalidade e conjugalidade, são tensionadas na produção de sentidos do cotidiano. Orientada pela abordagem etnográfica, analiso narrativas de mulheres, tendo como foco a forma como acionam e articulam emoções, gênero e sexualidade para qualificar consentimento e violência no interior das suas relações íntimas. As gramáticas em questão, por vezes posicionam a legitimidade da troca sexual como trabalho emocional, noutras reconhecem a violência sexual a partir da violação emocional, e um mesmo ato pode transitar entre o consentimento e o abuso. Essa dimensão vivencial da "violência", em seus deslocamentos e complexidades, nos mostra como o sentido da experiência não é autoevidente e nem pode ser tomado como acabado. Pelo contrário, a história se mantém viva nos sujeitos e faz parte do devir presente porque é socialmente afetada. A emergência da temática do estupro marital pode ser considerada como decorrência de um contexto histórico de ampliação da pauta de reivindicações sociais por direitos, lidos especialmente na chave dos direitos humanos, a partir da qual a vivência da sexualidade passa a ser compreendida como parte dos direitos e liberdades fundamentais para uma vida digna. Em outro nível da escala, esse fenômeno é lido também como consequência do percurso do movimento feminista de politizar as relações pessoais, que tem como uma de suas metodologias o esforço de reconhecer, classificar e nomear como violência atos do cotidiano. Voltar o olhar para a vivência da intimidade no cotidiano possibilita a observação de negociações de fronteiras simbólicas e morais a partir de balizas subjetivas acerca dos desejos, das expectativas e das ansiedades que envolvem a experiência sexual. Observa-se que o alargamento das noções morais que informam o sentido da violência tem como um de seus resultados o deslocamento das emoções. Esse movimento coloca em evidência conflitos que disputam os contornos simbólicos do cotidiano e que produzem, em seu bojo, novas formas de subjetivação.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

